

Garimpo gera tensão na fronteira

MANOEL LIMA
Enviado especial

A expulsão dos garimpeiros brasileiros da Venezuela pode estar ligada diretamente aos constantes e graves conflitos que esses trabalhadores, vindos de todas as regiões do Brasil, vinham causando na faixa de fronteira, em Roraima, ameaçando inclusive o bom relacionamento entre as populações civis e militares dos dois países na área. Fortes, decididos, rebeldes e temidos por não aceitarem qualquer tipo de provocações e reagirem sempre com o uso do revólver ou da faca, os garimpeiros brasileiros foram ganhando fama entre os moradores venezuelanos da fronteira, que sempre os apoiaram, enquanto eram tidos como perigosos e bandoleiros pelas autoridades policiais da Venezuela. O trabalho que realizavam, em condições desumanas, nas minas de diamantes e as divisas que geravam para Venezuela não foram razão suficiente para que o governo Herrera Campins concedesse um prazo maior para que pudessem deixar o país, sem atropelos, sem a desapropriação de seus bens, quando foram presos de surpresa. Em 1974, segundo relatos de pessoas residentes na fronteira, um grupo de garimpeiros, depois que um brasileiro foi chacinado no garimpo por elementos da Guarda Nacional, atacou um destacamento policial, com armas e facões, e matou três policiais. A partir daí, o relacionamento dos garimpeiros com a polícia se tornou áspero e tenso, provocando agressões e mortes de ambos os lados.

APREENSÃO

A chegada de mais 69 garimpeiros a Boa Vista, hoje, procedentes de Caracas, onde se encontram presos desde sábado passado, e a notícia vinda da fronteira de que os garimpos abandonados na Venezuela teriam sido saqueados e queimados por elementos da Guarda Nacional, estão preocupando seriamente as autoridades policiais e militares em Boa Vista, que temem uma possível crise na região da fronteira.

O governador Otomar Pinto, de Roraima, que tem mantido contatos diários com o Itamarati, em Brasília, está preocupado com o número de brasileiros que possa vir para Boa Vista, porque o governo do Território não tem como alojá-los, por falta de acomodação e alimentação, pois já está abrindo no Quartel da Polícia Militar 104 garimpeiros. Ele entrou em contato com o ministro do Interior buscando uma fórmula para atender aos brasileiros que deverão chegar a Boa Vista nos próximos dias.

Os 104 primeiros garimpeiros chegados a Boa Vista mostravam-se ontem apreensivos com a notícia do saque aos seus garimpos. Eles temem que "algo de ruim" possa ter acontecido com seus familiares.

O governador Otomar Pinto pediu aos garimpeiros calma e bom senso e que evitassem qualquer tipo de vingança. E garantiu que dentro de uma semana a situação será resolvida pelo governo. "Fiz o convite para que fossem trabalhar nas fazendas, no campo, na construção civil do Território, que se ressentem de trabalhadores, mas eles não aceitaram. Só querem trabalhar se for no garimpo, e essa atividade está proibida no Território, porque os garimpos ficam em áreas indígenas e só poderão ser explorados, por empresas geralmente constituídas, segundo o Estatuto dos Índios", disse o governador, que no começo da semana estará em Bra-

autoridades brasileiras em Roraima custam a acreditar no fato de que a decisão do governo Herrera Campins relaciona-se simplesmente com a segurança interna venezuelana. Até porque a medida, arbitrária sob o ponto de vista diplomático, só atingiu, na verdade, os garimpeiros brasileiros que exploravam as minas de diamante nas regiões de Cidade Bolívar e Porto Ordaz, a mais de 1.200 quilômetros da fronteira com o Brasil. Informações fornecidas por venezuelanos residentes em Bolívar que chegaram no final da semana a Boa Vista, indicam que muitos brasileiros tidos como ilegais no país estão vivendo tranquilamente na fronteira sem serem molestados, mas que são comerciantes ou trabalhadores braçais, o que reforça a tese de que a medida de expulsão foi apenas para atingir os garimpeiros brasileiros, acusados de não terem caráter, serem

dência na Venezuela foram provocadas mais pela polícia venezuelana. É claro que nenhum homem, por mais fraco que seja, aceitará ser provocado, esbofetado, apenas porque não entende uma língua estrangeira." Jovercino conta que não foram poucos os casos em que um brasileiro foi esmurrado e pisoteado pela polícia porque não entendia o idioma castelhano. "Garimpeiro e a Guarda Nacional nunca se deram bem", ele observa.

A abertura ao tráfego da BR-410, em 1972, quando os presidentes Rafael Caldera, da Venezuela e Emílio Médici, do Brasil, se encontraram no marco BV-3, proporcionou um surto de progresso na região, com milhares de brasileiros atravessando a fronteira em busca de trabalho nas cidades vizinhas e, principalmente, nos garimpos, numa época em que dezenas de minas de diamantes foram descober-

40 ou 80 quilômetros da fronteira, era só embrenhar-se na mata.

O controle do trânsito de pessoas na fronteira de Roraima é difícil, embora a Polícia Federal procure relacionar todos os estrangeiros que cruzam a divisa dos dois países. "Mas como não havia reclamação e nem protesto da parte da polícia venezuelana, quanto à entrada e permanência de brasileiros sem passaporte no país, a Polícia Federal também não tinha como criar problemas ou controlar o fluxo de imigrantes para o outro lado da fronteira, diz o delegado da Polícia Federal em Boa Vista, Tarcy Baptista de Magalhães, lembrando que apenas cinco agentes são encarregados do controle de entrada e saída de estrangeiros nas duas fronteiras — Venezuela e República da Guiana. "E até a inauguração da estrada, nem polícia existia. A fronteira era praticamente

onde está localizada a maior área de floresta virgem do país, é proibido derrubar árvore sem autorização expressa do governo, que adotou a medida há mais de 10 anos. Nos garimpos, onde o acesso é difícil, é preciso limpar a área para a instalação dos equipamentos e sondas, mas a derrubada de árvores só é permitida depois de um demorado e longo processo burocrático.

Com pressa para explorar a mina, o garimpeiro não espera a autorização do governo para derrubar uma simples árvore. "Ele derruba mesmo, embora depois sofra as consequências: ou é preso ou paga uma pesada multa", lembra o secretário de Segurança de Roraima, Horácio Neves. Quando isso ocorre, isto é, uma árvore é derrubada sem o consentimento do governo, a polícia investiga para apurar o autor da derrubada. "Se a polícia não consegue descobrir o autor da derrubada, todos os demais garimpeiros são perseguidos. As vezes são presos injustamente. E então começam os conflitos, as tocaias, os espancamentos. Porque para os venezuelanos, o brasileiro é um predador nato da floresta", diz o comerciante Orígenes Falcão, de Santa Helena.

Em meados de novembro, um táxi-aéreo de Boa Vista, fretado por dois comerciantes de Cidade Bolívar, foi apreendido no aeroporto da cidade sob a alegação de haver penetrado no espaço aéreo sem permissão. O piloto, Elias Souza, e os dois comerciantes ficaram detidos durante dois dias e só foram libertados mediante interferência do alcaide (prefeito) de Bolívar.

Na zona do garimpo, o relacionamento entre brasileiros e a polícia é bastante tenso. "A moeda brasileira não tem valor. E se algum comerciante, brasileiro ou venezuelano, decidir aceitar o cruzeiro, passa a ser mal visto pela polícia. Se um garimpeiro bebe mais de duas cervejas ou duas doses de outra bebida qualquer, é logo convidado pela polícia a pagar a conta e deixar o bar. Um garimpeiro não pode cuspir se passar perto de um policial, ou então corre o risco de ser espancado brutalmente ou preso, conta o comerciante Brandão Lopes, de Cidade de Bolívar, ao lembrar que a população civil venezuelana da fronteira não tem qualquer preconceito contra os brasileiros. "Hoje, todos lamentam a expulsão dos garimpeiros do país, porque quem mais sofrerá será a economia da região, onde não há mão-de-obra suficiente capaz de explorar as minas de diamante."



Chegam a Boa Vista, hoje, mais 69 garimpeiros brasileiros expulsos da Venezuela. Embora tenham o apoio dos venezuelanos da fronteira, para as autoridades locais não passam de "bandoleiros" e, por isso, seus garimpos teriam sido saqueados e queimados pela Guarda Nacional Venezuelana.

silla para se avistar com o ministro do Interior para propor, segundo se informou em Boa Vista, a abertura do garimpo na Serra de Couto Magalhães, onde foi descoberta uma enorme jazida de diamantes, mas que deverá ser incluída no Parque Yanomani. O que o brigadeiro Otomar Pinto deseja é que até a criação do Parque Yanomani — "o que vai demandar tempo e providências do governo" — o garimpo da Serra de Couto Magalhães possa ser explorado para poder absorver os garimpeiros brasileiros expulsos da Venezuela e que serão trazidos para Boa Vista.

As razões que levaram o governo da Venezuela a determinar a expulsão de todos os imigrantes ilegais no país — medida que atingiu a mais de seis mil brasileiros — não foram ainda de todo esclarecidas, e as

contrabandistas de diamantes e de resistirem à ordem de se regularizarem.

OS CONFLITOS

As discussões, as brigas e troca de tiros por problemas mais banais entre garimpeiros brasileiros e a polícia venezuelana da fronteira, aumentaram depois que o Brasil construiu a rodovia BR-410, que liga Boa Vista a Santa Helena de Uairem — a primeira cidade venezuelana na fronteira. Antes disso, poucos eram os brasileiros que ultrapassavam a fronteira, em visita ou a negócios, já que até então o maior fluxo de estrangeiros na região era na faixa de fronteira do Brasil com a República da Guiana.

Para Jovercino Dias, um dos expulsos, o garimpeiro brasileiro paga caro pela fama de violento que tem. "As brigas que assisti nos seis anos de resi-

tas e o próprio governo venezuelano tinha interesse em que o minério fosse explorado, não interessando como e nem por quem, conquanto que gerasse divisas para o país. Com o fechamento dos garimpos de ouro e a mecanização no processo de extração da cassiterita de Rondônia, cerca de quatro mil garimpeiros foram despedidos e passaram a perambular pelas cidades da Amazônia à procura de trabalho. A fronteira da Venezuela, rica em ouro e diamante, começou a despertar o interesse dos garimpeiros brasileiros, que não tinham dificuldades em atravessar a linha de demarcação. Bastava chegar a Boa Vista e "comprar", por Cr\$ 3 ou Cr\$ 5 mil um permissão. Com esse documento na mão, para chegar até Santa Helena de Uairem não havia dificuldade. E para atingir os garimpos, a

aberta e o diamante precisava ser explorado", observa Tarcy Magalhães.

Segundo o delegado, problemas de relacionamento e desavenças entre policiais brasileiros e venezuelanos sempre existiram na fronteira. "Se eles apertavam os brasileiros, exigindo-lhes uma série de documentos e dificultando a sua entrada no país, a reciprocidade era a mesma do lado brasileiro com os viajantes venezuelanos. Esse tipo de problema é comum na fronteira." Em 1977, o governo de Roraima decidiu proibir a entrada de caminhoneiros no Brasil, porque a polícia em Santa Helena passou a cobrar uma taxa sobre o carregamento dos caminhões brasileiros. Os estrangeiros só passavam se apresentassem o passaporte.

Na Venezuela, principalmente na sua faixa de fronteira,